



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

INQUÉRITO PAROQUIAL DE 1842 - SANTA CRISTINA DE AGRELA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1998 | Número: 108

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Inquérito paroquial de 1842 - Santa Cristina de Agrela.
Revista de Guimarães, 108 Jan.-Dez. 1998, p. 37-53.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

Santa Cristina de Agrela

Guimarães — Inquérito paroquial de 1842

Revista de Guimarães, n.º 108, 1998, pp. 37-53

Quesito 1º sobre Geografia

Esta freguesia de Santa Cristina da Agrela acha-se situada em um horizonte oblíquo genericamente falando porque é topografia de Corografia Lusitana, assim constituída comparativamente em maior ou menor ponto comparando com a Cosmografia Geral constituindo-se, porém, horizonte mutável ou sensível que autoriza para fingir muitos horizontes, ou infinitos; na situação é alta, e elevada pelo horizonte, ou este se constitua Brumal ou Estivo; é declive ao Setentrião e Sul, e por isso pantanoso nos fundos e margens do rio e serras que as cercam e adiante farei menção nos quesitos décimo e undécimo, contentando-se aqui dizer seus nomes que são pelo Nascente a Serra de Vilarilho, digo Nascente, o Vale de Lameiros, ou pedra Santa Cristina e passando o regueiro da ribeira, Serra do Outeiro meão, Serra do Picouço, caminhando do Picouço até Picouço pequeno, e daí a Vale das Grovas, Carainho, até à ponte de Tório, sendo que, desde o dito sítio de Picouço, neste dito, até à dita ponte, forma o Norte da freguesia, partindo com os limites da de S. João Baptista de Castelões, e caminhado da Ponte de Tório no rio pequeno que tem seu princípio em Vila Côvo e tem fim em Arosa, aonde se mete no Aves. É dividida por este rio pequeno (marginado de campinas) do Ocidente para o Sul, cuja divisão termina a ponte de Tório em ponta aguda, e principiando nesta a divisão oriental, digo a divisão austral, pela margem Norte até

aos moinhos da igreja e tem neste sítio o Regueiro da Ribeira, que tem seu princípio à poçinha da Negra e caminhando para o lado Nascente, sendo a margem do dito Regueiro, deixando a do rio pequeno até a Laje de Carreiro Novo, e aqui passando ao dito Regueiro ao lado Nascente, até ao sítio de Valcovo caminhando pelo contorno até o sítio de Vale de Lameiros, ou pedra de Santa Cristina, onde principiou a divisão Oriental, fará de circunferência uma légua, e dos lugares mais distantes à igreja, um quarto.

Avistam-se desta freguesia ao Nascente a Serra de Vilarelho da freguesia de Sarafão, e montes de Soutelo da dita freguesia com quem confina, a Serra de Merouço, Cabreira, e Gerês mais para Oriente Brumal, ao Norte a freguesia de S. João Baptista de Castelões, montes da freguesia de Travassós, e Santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave, Soutelo, e templo do Pilar, tudo do concelho e comarca da Póvoa de Lanhoso. Divisam-se, ao Poente, Arosa, os Matos, Terras de Gondarilha, a Torre da Mota em São Martinho do Campo, a Taipa, a Serra da Falperra, e capela de Santa Maria Madalena, e Santa Marta; mesmo inclinada ao Sul divisa-se a Serra de Santa Marinha de Outeiro Alto, em Freitas, Gondiaes de Sarafão, Lordelo, Soutelo, e Barreiro, e pelo Sul, perfeitamente vê-se parte da freguesia de Sarafão donde são aqueles lugares.

Dista da cabeça do seu concelho que é Guimarães duas léguas, da de Fafe uma légua e três quartos, da Póvoa de Lanhoso (comarca) uma légua, da de Braga, sua cabeça de distrito, três léguas.

Seus montes que são os de Vale de Lameiros, Vale Covo, Teixugueiros, da Ribeira, e de cá, Outeiro-meão, Picouço e Picouço pequeno, e Padronelos estão pela maior parte cultivados excepto os cabeços.

Segundo quesito do clima

Esta freguesia é um clima temperado e hábil para todo o género de produções: porque na estação da Primavera e Outono a rotação não dá incrementos nocturnos nem minguentes diários que nos possam afirmar, os dias, e noites maiores de doze horas cada um ou cada uma, e como aqui crescem e aí mingam analiticamente pela mesma

análise com que crescem, e se sementam na Primavera pelo mesmo método se colhem, e aproveitam no Outono sazoados e aperfeiçoados pelo Estio que aqui nos favorece com quinze horas de dia e nove de noite em seu maior auge. Quando este espaço de dias no Estio passa a ser o das noites no Inverno, e o das noites ao Estio, o dos dias no Inverno, isto é, quando a estação no círculo anual apresenta no nosso oblíquo montanhas que nos separam mais da estimável presença do monarca das luzes: o nosso planeta Terra é mais frio, e ventoso com chuva, neve, geada. Estes objectos que parecem inimigos de todas as vias são muito úteis para adelgaçar as terras, limpar as árvores da ferrugem, e morrão como se tem observado nas oliveiras, e figueiras ainda que sejam sempre contrários aos limoeiros, e laranjeiras.

Quando o Trópico de Capricórnio ou o círculo do mesmo solstício se mostrar para connosco como benigno deixando de nos mimosear com muita chuva desde os Santos até ao Natal, com um Janeiro geado, e um Fevereiro saraivoso temos de ver perigar o vinho e alguma escassez nos mais frutos.

Não nos lembramos aqui de grandes pedras, só sim, da que caiu em 26 de Julho de 1821 às três da tarde pouco mais ou menos que sendo as maiores como ovos de galinha, e as menores como castanhas, e landras quebraram telhados, e tolheram muitos renovos, que ainda estavam pendentes; a trovoada principiou ao lado Sul e foi carregando a Poente e suas ruínas maiores foram em S. Torquato, freguesia de Gonça, dita de Gondomar, dita de Garfe, dita de Taide até Santa Maria de Rendufinho do concelho da Póvoa, entre o Rio Ave e o Cávado. Às duas de 5 de Junho de 1834 e a seguinte no dia do Corpo de Deus no mesmo mês de Junho do dito ano foram de notar-se por sua abundância e ligeireza na formação da dita, por seu pé, digo, da dita, a do primeiro dia fez seu pé ao Nascente Estivo, sobre a Serra da Esguinha da freguesia de S. João Baptista de Castelões e sendo o primeiro eco seco: ao segundo como de resposta mais grande, e logo em seguida houve muita água nesta freguesia, e maior abundância na dita de Castelões, e Arosa.

A seguinte do dia do Corpo de Deus do mesmo ano, principiou mais cedo com seu pé sobre a freguesia de Vila Cova, ao Sul, foi grande, e fez crescer muito o rio pequeno e Regueiro da Ribeira, e até extrabordar pelas campinas, que marginam os ditos rio pequeno, Regueiro da Ribeira e durou três a três e meias horas pouco mais ou menos, e depois carregou sobre pedrouços e Oriente, e dali correu ao Norte fazendo-se cada vez mais fortes e durou até às quatro da tarde pouco mais ou menos; o Rio Ave cresceu muito, e inundou os campos de um e de outro lado, causando grandes prejuízos naqueles.

Com tudo isto delas nasce todo o bem porque como diz o adágio, que ano de trovoadas, ano de pão, e que pode deixar lavradores pobres mas que deixa freguesias ricas, porque sendo a abundância geral, o prejuízo quando sucede é parcial.

5º e 6º quesitos da povoação em geral, e particular

Etimologia de sua nomenclatura. O nome geral da freguesia de Santa Cristina da Agrela, por Santa Cristina, o seu orago Agrela é derivado do substantivo digo do adjectivo a Agreita, e passaram a chamar-lhe Agrela vocábulo que corromperam com o andar dos tempos, sua localidade é a seguinte que se segue:

1º A igrejainha propriamente por ser a mais aderente, e contíguo à igreja etimologizada na freguesia antecedente.

2º O Souto a quem deram o nome às muitas árvores frutíferas que ali se acham e mesmo por ser pantanoso.

3º As vinhas a que deram o nome às muitas vides e cepas que ali se achavam.

4º O Cabo traz a sua etimologia porque é último caminhando para o Nascente.

5º Insido traz a sua à origem do substantivo Incua por ser apartado da rua das Lages representando a dita Incua.

6º Lugar das Lages não lhe dou mais nome nem definição por serem ideias que temo obscurecer com o muito definir.

7º Fojo chama-se assim por estar colocado nas margens da Ribeira já dita, fundo e pantanoso.



8º Rua Nova assim se denomina por serem ali edificadas muitas casas e propriedades de cultura há pouco tempo.

9º Boa Vista (lugar) não lhes [acrescento] mais definição por serem ideias simples que temo obscurecer com muito definir.

10º Outeiro, chama-se assim por estar colocado em sítio elevado e alto.

11º Lugar último denominado Portela vocábulo derivado do substantivo Portal ou Canal, por onde se entra, ou sai da freguesia, pelo lado Norte.

Interrogatório 7º Sobre Zoografia, Minografia, e Fitografia e primeiro da Zoografia

Há nesta freguesia quadrúpedes domésticos que são cães, gatos, ratos, e doninhas. Bois, vacas, machos, e mulas, éguas, cavalos, jumentos, e jumentas.

Há na mesma os silvestres que dão coelhos, lebres, ratos, toupeiras, raposas, touros, texugos, macavuco, e furão, o rato, a doninha silvestre e gato silvestre têm pouca diferença dos domésticos, assim como a cadela doméstica ou gata, costumam ter coito com gato bravo e raposa, ou às avessas. O filho do tourão e fuinha ou às avessas chama-se furão; e o filho da coelha fêmea, e lebre macho, ou às avessas chama-se macavuco. Assim os filhos da jumenta e égua, ou de jumento, e cavalo se chamam machos e mulas.

Tem mais porcos e porcas, ovelhas, carneiros, cabras, que hoje não tem por serem animais daninhos assim como são todos os silvestres, e ainda domésticos, as searas, ervas, galinhas, árvores, frutos semeados, etc.

Fitografia

Tem árvores de frutos cultivados, e são oliveiras, figueiras, castanheiros, vides, noqueiras, cerejeiras, laranjeiras, pereiras, macieiras, limoeiros, pessegueiros, damasqueiros, ameixoeiras, choupos, salgueiros, para terem mão nas vides.

Silvestres são escalheiros, giestas, sargaços, carvalhos, cerquinhos e alvarinhos, sabugueiros, sobreiros, pinheiros, urzes, tojeiros, do arnal e molar, fetos do monte, e fetos machos, vulgo



singelas, e as parasitas que a elas se agarram para se sustentarem que são hera, norça, corriola, musgo branco quando a árvore teve incisão no tronco, ou raiz, musgo que figura feno quando os ramos secam ou entresecado; e musgo preto ou verde escuro, ou amarelado com bastante terra quando a árvore enferma por velha e viscosa, se tem putre[fa]ção interna na parte, em que manifesta, e sobre o mesmo musgo grosso nasce o polipódio medicinal mais recomendado do que o parietário por ser este mais venenoso. Quando as árvores sofrem contusão ou incisão se forem novas, e esta for no tronco costuma algumas vezes sarar e lançam pelas fendas da fissura, rezina como as serdeiras, ameixoeiras, macieiras.

Quando velhas, ou se amputam nos troncos ou nos ramos principais ou mostram putrefacção, ganham certos parasitas ou filhos delas mesmas a que chamam sanchas, ou corcomelas.

Também em sítios [*ilegível*] lavradores, ora um ano, ora outro, e devolutos em cair alguma putrefacção de folhas estrume de bois, ou de bagaço ainda nos aquosos aonde cair farelo de pães ou cabaços moídos no trigo da Primavera; logo no Outono [se] forem regadas semelhantes putrefacções, nascem vegetais a que chamam míscaros e tortulhos que os povos comem assados, ou guisados mas só fazem uso dos benignos porque outros quase de semelhante aspecto tem tradição de seus maiores para os repudiar por malignos e venenosos.

Nomes das plantas e das flores mimosas, assim como das ervas dita dos quintões, jardins, virtudes, ou útil.

Vegetais: alecrim, almeirão, taraxoca, árvores com flor e medicinal: chicória, lorna, bordana, norça ou brionia.

Morangos medicinais, a casca na rama, raizado a bordana, funcho, fumaria, fel da terra, ou centáurea menor, marcela ou camomila, aipo.

Medicinais em rama e planta, marcela a flor: salsa, hortense, hortelã pimenta, dita vulgar, artemísia, malvas, isósporo; medicinais na rama e algumas totalmente arrancadas.

Hera terrestre, avenca, verónica, polipodio.



Medicinais, toda a planta em rama: cevada, mostarda, medicinais, os seus grãos: da laranjeira árvore, violeta erva, medicinais, as flores: erva cidreira, salva, marroios brancos; aroma, favas de flor branca, ervilhas com flor roxa, e outras de cheiro e malvas de cheiro; servem para comer em bagas, e os grãos, estes só são odoríferos. Cravos brancos, verdes, roxos, amarelos, escarlates e rajado, dobrados, singelos; odoríferos feijões rajados, vermelhos, brancos redondos compridos, e amarelos redondos, e compridos com flor vermelha e amarela a trepar por lenha estacada.

Para comer em vajens, e grãos em caldos e afogados; gigantes vermelhos, brancos e amarelos, suspiros e amores perfeitos, alecrim do Norte, ranúnculos, açucenas, margaridas. etc. Bom aspecto de formosura, e odoríferos, em pouca quantidade.

As rosas e pétalas rubras-medicinais, as brancas, vermelhas e secas. Aspecto odorífero: hortaliça do uso quotidiano; cebolas, salgas, borragens, cabritos, digo cabritos, couves, nabiças, poejos, serpão, tronchuda, ervilha, favas, cabaça, calondro, broculos, agriões, alface, zargatola.

Das silvestres menos mimosas.

A narvelha castelhana, trevo aquático, língua de vaca, e molar, servem para o pasto do gado aparietário, abelouro branco ou verbasco, hera para esta quinfólio lavaça aguda e redonda.

Servem para animais e racionais os cardos de flor azul, digo azul clara, vulgo olho de gato, suages, margaça e flores brancas de lírios, roxos, bravos e mansos, etc. montrastos, urtigas, coentros. O timbo e o trovisco, e hera da tributa que lança contas, matam os peixes ignorantes tem-no por venenosos bem como a cicuta e dedaleira.

As ameixas de Coimbra ou conserva e cerejas pretas e marmelos, servem para comer, são medicinais.

Milhão, centeio, trigo, milho alvo e painço, linho e couves galegas, nabos e tronchuda. É de que se sustentam no estado de saúde.



Nomes de aves peixes aquáticos, terrestres, voláteis e anfíbios, truta, escalos, bogas enguias, servem para sustento no estado de saúde.

São anfíbios os seguintes: a lontra, cobra de água, a rã e sapo concho alguns deram que os comuns tenho por mais certo que sim.

Para fim, e melriacho, papalgo, rola do rio, pato, narico, ganso, estorninho, comem-se no estado sanitário e na [ilegível] pito, pega, melro, pardal, e pimpalhão, codorniz, perdiz, gaio, pica porca, poupa, o cuco, (ou grande [ilegível]), rouxinol, sombria, verdelhão, chasco, pisco, rola do mato, galinhola, mocho e os noturnos: noitibó, coruja, morcego, caçapo, cotovias. As duas qualidades de tordos; é o pimpalhão da Índia comem-se e domesticam-se menos o morcego que sendo volátil não tem penas nem se come, a carriça, andorinha, pedreiro, a vaqueira, branca de todo o ano não se come por pequenas e terem delas certo nojo.

A galinha, frangos, patos, pombas, canários, pintassilgos, rouxinóis e cochichos transmontanos, corvos e açor, são os mais domésticos que quase todos têm excepto o corvo e açor, posto que este último é criado neste país.

Vermes domésticos e silvestres: minhocas, moscas, vermisgas, e casulos de água, murções, bichos da seda, borboletas, aranhas, mosquitos e minhocas, cobras, sardão, sapo, salamandra, doninha, víbora, abelhas, vespas, besouros, saltões, grilos, formigas, cigarras, borboletas, lagartos, morções do monte ou [ilegível], moscardos das bestas e do centeio, luzeiros nocturnos, vulgo luzicus, bicha cadela, centopeia, licranço, cabeçalho, vaca loura, escaravelho terrestres e voláteis, as cabras cegas e salamandras de água são menos venenosas que as do monte e assim todos os vermes, sanguessugas, répteis, e de que de uns e outros dos peixes são anfíbios e répteis, vermes, peixes.

Répteis anfíbios de peixes e de uns e outros são voláteis terrestres, das searas e frutos e de uns e outros, tanto aves como insectos e dos peixes depois de mortos, e estes deles, são répteis dos vermes, e moscas e excrementos dos animais e humano.

São répteis dos vermes, searas e grãos, etc.



Da Minografia

Não tem esta freguesia minas metálicas mas sim muita abundância de pedra de galho e entre fina de que usam para fazer edifícios, socalcos, paredes, eiras, canastros, lagares, lojas e moinhos, etc. tudo com utilidade e fins que é desnecessário pô-los aqui quando ninguém os ignora, e nada mais posso esclarecer em resposta ao sétimo quesito.

8º Quesito

Divisão dos foros até 1834, e suas mudanças posteriores impostos da Coroa Eclesiásticas Municipais.

Até o ano de 1834 tinha esta freguesia um juiz do subsino e quadra que prestavam obediência ao juiz do foro de Guimarães, ou vereador mais velho que sempre eram os presidentes da câmara e juiz pela etc.

Tinha mais um cabo de ordenanças sujeito à companhia e sujeito ao capitão e este ao capitão-mor e tinha o pároco sujeito ao prelado de Braga, dava soldados para primeira e segunda linha cada qual vivia sujeito ao seu foro, pagava-se dízimo, primícias, e décima.

Actualmente desde 1834

Não se pagam dízimos mas pagam-se primícias, décimas, dobradas custas, partes, contribuições, novos impostos nos panos, carnes, cal, sairro-carvão, telha, repolhas, etc. lâminas, melões, carros e frutas ciritas. Tem tido a freguesia juiz de paz, juiz eleito, junta da paróquia, regedor e seus cabos, escrivães, uns efectivos outros substitutos, jurados, uns de sentença outros de prenúncia, de forma que muitas vezes eram mais os superiores ou autoridades do que súbditos. Nós agora temos além dos de Braga mesmo um arcipreste em cada concelho, além da sujeição ao eclesiástico governa em nós todos o fiel farrapo, convém a saber juiz eleito, escrivão e pregoeiro, o regedor e seus cabos, os membros da junta que tem dois, governa mais o juiz de Direito, seus escrivães e oficiais, os dos órfãos V. S^a e seus escrivães e [*ilegível*] e mais vereadores, e substitutos, o Excelentíssimo Governador Civil, e todos os mesmos até à rainha e

câmara de pares e deputados, finalmente os eclesiásticos são inábeis por lei para serem notados para quase todos os cargos.

As mudanças que tem tido quando e porque eu não sei: ainda que à priori posso responder que tem sido desde 1834 para cá: quando uns querem ir para os lugares outros não deixam porque enfim todos querem governar a fim de verem se a título de governança se sustentam, com os lugares da [*ilegível*] digo com suor da nação bem como os parasitas (ou hera de que há pouco falamos nas árvores). Não há impostos da coroa tem os municipais, os ditos e foros, e de eclesiásticos pagam-se aqui a cômrua ao pároco. Nada mais ao oitavo quesito tenho.

e do 9º quesito

Não tenho que responder mas sim que requisitar. Não tenho que responder porque não há edifícios notáveis nem morgados vinculados que tivessem foro nem estabelecimentos militares, nem literários, nem câmaras, nem conventos, nem hospitais, nem doutores. Tenho a requisitar juntamente com os povos desta freguesia o seguinte:

1º Se temos ou não obrigação de instruir a juventude.

2º Se deve ou não pagar-se deste ensino.

3º Se sendo concidadãos vimaranenses, a câmara deve ouvir nossos clamores.

4º Se contribuindo como contribuimos com os impostos para o subsídio se ela nos deve ou não criar aqui uma cadeira paga pelo mesmo subsídio.

5º Se é tempo de o fazer e ouvir as nossas súplicas.

Não mais ao nono quesito.

10º e 11º

Undécimo quesito das pontes, rios, etc. décimo das pontes, estradas, e bosques, etc.

Esta freguesia tem dois travessos ou estradas pequenas por onde os seus habitantes e os dos vizinhos se dirigem a Guimarães ambas têm apelido de particulares [*ilegível*] um vem do lugar de Vilarinho da freguesia de Sobradelo, atravessando a freguesia, até à ponte da igreijinha em direitura ao Barreiro estrada real e a outra que vem da

freguesia de Castelões atravessando a freguesia em direitura a Sarafão. Todos os moradores desta freguesia têm: fontes, tanques, águas para particulares, tanto para beber como para limar e afrutar suas terras, hortas, quintais, e jardins de forma que ninguém experimente melhoras nem tanta quantidade as quais vêm a ser a poça e fonte do doçar, assim se denomina atendendo à salubridade da referida água daquela fonte tem mais a fonte e tanque do tojo assim denominado por ser o sítio pantanoso. Tem a ribeira do Gonçalo dividida em quatro ramos vai regar as terras de quase toda a freguesia a que deram o nome do autor que fez a dita ribeira ou leito daquela água.

Adiante está um monte, ou vale de Lameiros como logradouro público dos moradores de toda a freguesia e se acha por indevido chamar-se vale de Lameiros porque quase todo o terreno está brotando água em pequena quantidade, sendo assim lameirento.

Logo passando a ribeira ou regueiro da ribeira, está a serra denominada outeiro meão, assim se chama por ser outeiro mais pequeno, ou meão.

Logo adiante vindo caminhando de Sul para Norte, em distância de tiro de bala, está a Serra do Picouço atendendo à sua elevação e agudeza, se denomina Picouço; está dividido e partido aos moradores da freguesia e pagam foro ao senado da câmara. E descendo pelo cume abaixo até o rio pequeno ou ponte do Turio se acha o dito rio pequeno o qual faz de largura pouco mais ou menos vinte palmos em partes menos. Este rio pequeno tem feito seus estragos nas ocasiões de trovoadas que costumam ser mais frequentes nos meses de Maio, e princípios de Junho. E nada mais tenho a responder ao 10º e 11º quesitos.

Quesito duodécimo

Os dois sistemas de agricultura de Toúl e Duhamel são aqui os mais adoptados sem instruções da Academia Real pelo que estes lavradores aprenderam de seus maiores, e vão integrando a posteriori um certo critério, discernimento e método com que conhecem a vegetação das plantas e diferente natureza das terras. Com os



socalcos e águas que tem de suficiente, eles sabem muito bem engordar as fracas e emendar as argilosas e salgadas e com os diferentes adubos temperam sua natureza e melhor grão para afrutar as mesmas. As armas de que usam comumente são enxadas, sacholas, aluviões, foices, podões, fouchinhas, roçaduras, machados, machadinhas, grades, arados, seitoiras, carros, alavancas de ferro, trancas de pau, camartelos, certos adornos, pipas, lagares, e outros que mais são vasilhas do que instrumentos de agricultura.

O estrume melhor para as hortaliças e terras frias é natural de pombas, galinhas e humano ou de gado, ovelhas ou cabras e o artificial raspas de pontas de bois. Os artificiais de matos, folhas, o melhor é mato molar, ou da folha de castanheiro utilíssima para centeio, trigos, batatas, etc. O da folha de carvalho e mato arnal é preciso que este não tenha mais de dois anos de idade e aquela esteja putrefacta de chuvas aliás tomada em cortes, persevera sempre seca até se reunir após o da torga levando fetos misturados, folhas, e caroços de milho remedeia, sendo só, é o mais ruim.

Ao animais empregados, e sócios indispensáveis do lavrador sem haver dinheiro que lhos pague são: bois, bestas, porcos, cães, etc..

E nada mais tenho a dizer, só sim que numa mesma dada quantidade de terreno se encontra terra negra, gredosa dourada, gredosa barrenta, petrosa e produz suficiente milho centeio, vinho, tem árvores de diferentes quantidades e grandezas.

Quesito 13

Em adição ao duodécimo declaro que esta freguesia tem o seguinte:

Proprietários -----	55
Caseiros -----	13
Sacerdotes comigo -----	2
Carpinteiros -----	4
Alfaiates -----	3
Almocreves -----	2
Vendeiros -----	1
Jornais de bois e carros, a comer, e beber ---	480



A seco -----	960
Besta, e moço -----	480
Só -----	300
Alfaiate, jornaleiro, ou podador a comer -----	80
A seco -----	200
Carpinteiro, pedreiro, cavador a comer -----	120
A seco -----	240

Não diferenciando porque todos têm freguesia e tanto lhe pagam no tempo do Inverno como no Verão. Nesta freguesia não há feira alguma só temos a da cabeça do concelho, e as de Fafe, e Póvoa era bem se se efectuasse uma ao Cruzeiro da freguesia de São João Baptista de Castelões para que gozásemos aqui perto de alguma regalia estas freguesias nos fins de sua cabeça, com tanta distância além disto para se desmentir a [*ilegível*] opinião de que a câmara não quer para não enfraquecer o comércio da vila; e tenho respondido ao 12 quesitos e 14 quesitos.

Quesito décimo quinto 15

Não há nesta freguesia monumentos nem antiguidades, inscrições ou letreiros existentes nem destruídos.

Era comenda da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo com o distintivo da mesma ordem. Nada posso dizer do seu princípio só sim que é filial da de S. João Baptista de Castelões.

Tem seus usos e costumes da forma seguinte:

Por cada proclames -----	240 réis
Por cada certidão -----	120 réis
Por cada busca -----	40 réis

Por cada cabeceira no dia óbito um alqueire de milho grosso e sete canadas de vinho.

Por cada missa cantada duas velhas [*ilegível*] das que serviram no altar-mor. Tem mais, pálio, sendo bem [*ilegível*] cada cabeceira o dia óbito como fica dito, e dois ofícios um no fim do mês e outro no fim do ano, e destas tem o pároco o mesmo alqueire de milho grosso e seis canadas de vinho por cada um ofício. Tem por cada cabeceira de reza anual a quantia de dois mil e seis centavos. Tem por cada

baptizado um quarto de milhão grosso e meia canada de vinho e dez réis em dinheiro. Tem por cada recebimento vinte réis de trigo. Pagam-se na mesma freguesia primícias de pão milhão, centeio e vinho conforme o uso da freguesia tanto eira, e biqueira.

Paga mais a freguesia à junta, e dantes ao subsino, cada fogo casado 120 réis cada viúvo 60 réis para cera e clamores, o pároco no dia de óbito dos menores sete anos tem o mesmo que dos baptismos.

Tinha no tempo dos dízimos o pároco da cõngrua cem mil réis em dinheiro, e tinha vinte mil réis por aluguer de residência por a sua própria estar, como ainda hoje demolida, e demolida, tinha de cõngrua mais sessenta alqueires de trigo, mais dois para hóstias, mais dois almudes de vinho, e mais duas libras de cera branca fina além do uso e costume ditos.

Tinha a igreja para reparos da capela-mor três mil réis.

Costumam-se fazer algumas festas como direi no quesito 16 costuma este povo ir a algumas romarias convém saber à Senhora do Porto d'Ave, à Senhora Abadia, à Senhora das Neves, ao Senhor do Monte, e a esta costumam vir clamores.

Não tem divertimentos favoritos. Nem jogos de bola; Nem outro qualquer. Seus vícios são beber-se vinho com muita demasia e egoísmo. Suas virtudes são o desejo singular que cada um tem de aquisição, e o temor de Deus, que ainda a conservam. Sua riqueza é medíocre. Finalmente este povo emprega-se na lavoura, e seus ofícios, serviço que nunca acaba, nele tem seus contínuos, trabalho que entretem, útil que recreia. Não tem causas que diminuam a população antes posso afirmar a vossa excelência que de 68 famílias, que tem apenas de raro, encontrará uma casa que não tenha filhos e destas encontrará de seis até 12 filhos.

Nenhuma freguesia do concelho, cidade, ou província encontrará na qual estejam poucos filhos dela porque todos têm muitos já por via de casamentos, já por via de comércio, já por via de artes, armas e letras. Se delas passarem ao estado do Brasil quase todos os chefes, poucos, se encontrarão ali seus filhos tal que terá mais de dois ou três.

Tudo isto porque



1º Não se dão os matrimónios entre desiguais que sendo proibidos pela lei não deviam ser tolerados por prática

2º Porque tendo todos os vizinhos da paróquia meios de subsistência já por via de suas agências, já por seus bens para suas mulheres e filhos não se ouvem aqui as imprecações que lhe não dê filhos ou reputar como castigo aquilo que foi prémio da fé.

3º Porque apesar do luxo ser já demasiado nas aldeias principalmente no vestir, contudo no luxo da mesa ainda não tocam as barreiras que tem tocado o luxo que sustentam as mulheres do povoado na mesa e vestir.

4º Porque todas as mulheres da freguesia criam seus filhos a seus próprios peitos e não são como as do povoado que os enjeitam com escândalo da natureza e com prejuizos de terceiros com escândalo. Da natureza por nenhuma tigre, cadela nem leoa fazem o que as mulheres do povoado se atrevem (com aprovação dos maridos). Disse com prejuízo de terceiros feito aos filhos das amas mercenárias que quando recebam só dos pais o que na vila não é trivial sempre roubam dos bens do comércio e particulares a subsistência que se criassem o seu era desnecessária semelhante despesa ao concelho.

5º Razão É porque aqui aos recém nascidos, e criados por sua próprias mães aproveita o leite colorto, ou soroso que todavia é necessário para expurgação dos meninos ou meninas nos primeiros dias e semanas.

6º Porque os meninos assim expurgados não recebem como os do povoado na oficina de um estômago débil e tenro o leite de amas que (ainda sendo novo) só é hábil para a nutrição.

7º Porque aqui o leite das mães próprias não é como ali o desnecessário amas afectadas de moléstias hereditárias, e adquiridas como são a venérea, ou morbo gálico, a lepliamia, ou vírus leproso, héctica escorbuto, etc.

8º Porque aqui nem se negam ao ar preciso alimento para existir, e compor nossos corpos.

9º Enfim porque aqui senão toleram meretrizes, vagabundos, etc.



Noto aqui nos racionais duas ou três qualidades de moléstia que se devia atalhar, e são: 1ª Apoplexia - ignoro como se cura. § 2ª A tosse canina nos meninos - ignoro como se cura. § 3ª Os ataques hemorradiais que atacam genericamente a todos, ignoro como se cura. § 4ª As bexigas antes de 1834 usava-se da do pus [*ilegível*], e hera uma Santa Providência.

Há nos bois e nas bestas outros tantos e são: 1ª A pernura que não tem cura excepto sarjas adiante dela. § 2ª Erguinência - vale-se-lhe com sangria logo não obedecendo fumo de pinhas bravas pelo nariz, até fazer comer a baba pelo mesmo e abater-lhe da garganta e gorgomilho. § 3ª A negridão ou espasmo - É sangrar logo nas orelhas esta dá em todos os quadrúpedes. § 4ª Apieira por trivial já se saber a cura.

A estatura destes lavradores é ordinariamente sua robustez, e forças são sempre superiores às do homem do povoado, mais úteis e viciados suas idades regulam os 70 a 75 anos conforme sua natureza e tratamento porque alguns tem havido que morreram mesmo cedo mas houve outros, e ainda os há que excedem a 85 e 90 anos.

Enquanto há melhoramentos.

Interessaria muito aos lavradores (se se efectuasse) uma junta que os socorresse com empréstimos principalmente a caseiros, e pobres para comer, e semear aliás se se criar nem usar de dízimos e os rios fizerem um monopólio nem o estão ou têm (em caso de guerra) a onde de pronto se possa suprir nem aqueles recursos contra os monopolistas.

E tenho respondido ao décimo quinto quesito.

Quesito 16

Esta igreja tem corpo suficiente e grandeza para asilar não só o povo da freguesia mas ainda algum que porventura ali concorra; seu orago é Santa Cristina de Agrela. Etimologiado a linha 4 princípio quesito 5 e 6.

Seu representante era o reitor de Castelões com residência em Guimarães, ela por antiga fosse. A cômgrua no tempo dos dízimos já se disse a linha 13 a residência é distante do adro oitenta passos.



casadesarmento

centro de estudos do património

Tem esta igreja três altares convém a saber: 1º O menor na capela-mor onde está a imagem de Santa Cristina e Santíssimo Sacramento, estando aquela à direita, e ao lado esquerdo ou trono está o Menino Jesus. § 2º Tem o colateral direito onde está a imagem de Nossa Senhora das Dores. § 3º Colateral do lado esquerdo em que está a imagem de Santo António, e de São Sebastião.

Nada mais tenho a dizer, e julgo ter cumprido com a verdade recomendada e de baixo juramento exigido.

Santa Cristina d'Agrela, 8 de Julho de 1842
De V. S^a muito atentamente venerador Subd^o Obrigdmo
O pároco Antonio Manoel Flores



MAPA ESTATÍSTICO		Freguesia de Santa Cristina de Azeite				Lugares			
		1838	1839	1840	1841	1838	1839	1840	1841
Casados	Homens	50	49	50	51	11	11	11	11
	Mulheres	50	49	50	51				
Viúvos		3	2	2	1				
Viúvas		10	11	12	13				
Solteiros	Com menos de 30 anos de idade exclusive								
	Homens	60	62	66	64				
	Mulheres	76	78	73	79				
Totalidade		249	251	253	259				
Nascidos	Sexo Masculino	5	1	2	2				
	Sexo Feminino	4	5	8	8				
	Expostos								
Mortos	Sexo Masculino	1	1						
	Sexo Feminino	4	1	1	2				
	Expostos								
Casados		2	1	1					
Fogos		67	66	66	68				

O pároco Antonio Manoel Flores